

## **ESTAMPADO NA PELE: OS DIFERENTES SIGNIFICADOS DA TATUAGEM AO LONGO DO TEMPO**

Luciana de Freitas Gomes, Mônica Rodrigues Maia de Andrade, Maria Elisa Caputo Ferreira

Historicamente o corpo é tido como um importante instrumento de significação. Nesse sentido, as modificações na aparência corporal tornam-se cada vez mais comuns. O estudo do corpo, mais especificamente da imagem corporal conduz a um entendimento de que esta é lábil e mutável, sendo a interação entre os aspectos fisiológicos, libidinais e sociais (Schilder, 1994).

Nesse sentido, a tatuagem figura como uma importante tentativa de modificar a aparência, “marcando e expressando identidades, papéis de gênero, classe, grupo etário, estilo de vida e grupo de pertencimento” (Leitão, 2004, p.3). Dessa forma, ela seria uma busca do indivíduo pela autoridade sobre seu próprio corpo, tido como “superfície remodelável de acordo com pressuposto da liberdade de ação e determinação de cada um sobre si.” (Ibid, 2004, p.3).

Schilder (1994) destaca a complexidade desta atitude, uma vez que desencadeia não apenas uma alteração na aparência do corpo, mas em sua imagem corporal. Nesse sentido, coloca a tatuagem não apenas como uma modificação na parte visual, mas uma alteração objetiva da imagem corporal. Portanto, torna-se urgente (re) conhecer os diferentes significados da tatuagem ao longo do tempo.

Para que este conhecimento se torne possível, torna-se imprescindível um mergulho nas produções bibliográficas que a relatam nos diferentes períodos da história, buscando compreender a forma com que a tatuagem era(e é) vista e manifestada. Para tanto, foi realizada uma revisão histórica da literatura, tendo como recursos para a coleta de dados, livros, revistas e publicações disponíveis em meio digital.

Todas as nações, segundo Marques (2009) conheceram a tatuagem, que embora proibidas ou melhores aceitas em diferentes localidades, mostram-se tão antiga quanto à própria humanidade. Marques (1997) cita relatos do

primeiro homem encontrado em bom estado de conservação, em 5300 a.C., que possuía marcas indeléveis em diversos lugares. O autor relata ainda a descoberta de várias múmias tatuadas, no antigo Egito - como exemplo, a princesa Amuet, da XI Dinastia, cujo corpo era estigmatizado com diversos desenhos associados a fertilidade.

Entretanto, Paim e Strey (2004), ao fazerem referência sobre os relatos das viagens de Marco Pólo pela Ásia no século XIII, em particular uma região chamada Cancigu, verificaram ser normal que seus povos tatuassem os corpos com desenhos permanentes de diversas figuras.

Macedo, Gobbi e Waschburger (2009, p.97) enfatizam que as tatuagens, entre outras formas de estigmatização corporal, possuíam distintos papéis conforme a cultura em que estivessem inseridas. Em síntese, eram usadas como “símbolo de pertença a uma tribo, amuleto de proteção ou símbolo de iniciação e reconhecimento social”. Porém, ainda de acordo com estes autores, na Idade Média, essas práticas corporais passaram a ser proibidas, pois não condiziam ao corpo sacralizado, feito a semelhança e imagem de Deus. Dessa forma, eram caracterizadas como uma desvirtuação do corpo em relação aos ensinamentos divinos.

Já no período renascentista a tatuagem passa por um processo de transição, onde podemos observar, conforme relata Maroun e Vieira (2008), que a percepção do corpo modifica-se, passando a ser explanado através da arte, da anatomia, da fisiologia e de outras pesquisas científicas. Assim, os estudos passam a buscar melhores formas de se atingir um corpo saudável, apto para o trabalho, afastando-o assim das idéias do período anterior.

Leitão e Eckert (2001) relatam que foi o navegador James Cook que ajudou na divulgação da tatuagem através dos mares, introduzindo com a ajuda de outros marinheiros, a arte e a expressão *tattoo* no continente europeu e em diversas outras civilizações. Cook em 1769, viajando pelo Taiti descobre a tatuagem e faz um relato em seu diário de bordo sobre esta prática que era comum entre os oriundos daquela localidade. Conforme Marques (2009, p.24) James descrevia em seu diário a seguinte passagem: “Homens e mulheres pintam o corpo. Na língua deles chamam isso de *tatau*. Injetam pigmento preto sob a pele de tal modo que o traço se torna indelével”. Esta nomeação se dá ainda, de acordo com este autor de uma “onomatopéia do som feito durante a

execução da tatuagem”, de onde nasceu a versão inglesa para a palavra: tattoo. (Ibid, p.24)

As tatuagens eram feitas de forma rústica através de meios manuais primitivos, o que tornava seu processo dolorido e moroso. Porém, com a evolução das máquinas, os antigos procedimentos de dermopigmentação foram modernizados, principalmente com a invenção de um aparelho específico de tatuar - criado em 1891 por O'Reilly, em Nova Iorque - o que ajudou na popularização da técnica. (Caruceht, 1995 como citado em Leitão & Eckert, 2001)

Depois das várias modificações sofridas ao longo do tempo e com a facilitação da sua execução, a tatuagem se torna acessível a um número maior de pessoas. Nesse sentido, fornece respaldo para um demasiado excentrismo por esta arte, onde podemos observar na segunda metade do século XIX, os indivíduos com os corpos acentuadamente tatuados passando a fazer parte de shows e exposições, juntamente com outras “bizarrias corporais e curiosidades animais”. (Ferreira, 2008, p.71)

Entre o fim do século XIX e início do século XX, presidiários, meretrizes e soldados, apropriam-se da tatuagem, alcançando especial importância nos ambientes dos cárceres. Esta apropriação, segundo Perez (2006, p.180), fez com que começasse a ser vista como marca da marginalidade, “atuando em um duplo sentido: como meio e como estigma social”.

A modificação deste público consumidor aconteceu nas décadas de 50 e 60 do século XX. Neste momento, as tatuagens passam também a serem utilizadas por “gangues e como emblema de movimentos contra culturais, como o movimento hippie e mais tarde o movimento punk” (Leitão, 2004, p.4). Apesar de ainda se encontrar conectada as normas sociais contrárias ao padrão estabelecido e aceito e associada a um estilo de vida relacionada à irregularidade e ao vandalismo, ela passa a não estar atrelada somente a pessoas de baixa renda.

No Brasil, assim como no resto do mundo, a tatuagem moderna é introduzida nos portos. Isto acontece no século XIX, através de viajantes ingleses e americanos, sendo disseminada entre os próprios marinheiros, prostitutas e delinquentes de todos os tipos (Marques, 2009).

Somente em julho de 1959 chega ao Brasil um dinamarquês conhecido como Lucky, Knud Harld Likke Gregersen, que foi o primeiro tatuador a se estabelecer em nosso país (Leitão & Eckert, 2001; Marques, 1997, 2009) .

Um dos clientes mais conhecidos de Lucky foi o surfista José Artur Machado, o Petit - que foi perpetuado por Caetano Veloso como o “menino do Rio” através da música tema da novela *Água Viva* da Rede Globo em 1980. Esta canção, que fazia referência a um dragão que Petit tinha desenhado no braço, ajudou para que a tatuagem deixasse as imediações portuárias e o estigma de arte marginalizada e virasse sucesso entre os jovens da Zona Sul do Rio de Janeiro. (Leitão & Eckert, 2001; Marques, 2009).

Leitão (2004) afirma que a partir daí a tatuagem passa a ter novo significado. A aceitação pela sociedade vai, paulatinamente, firmando-se como uma realidade e os corpos tatuados vão se tornando cada vez mais comuns em todas as camadas da população brasileira. Ainda de acordo com este autor (2004, p.4) quando se refere a uma mudança de significado da tatuagem na atualidade, fala-se da “perda de alguns de seus sinais mais transgressivos e de sua incorporação às possibilidades estéticas socialmente aceitas”.

Atualmente é observada uma disseminação dessa prática especialmente entre adolescentes e adultos jovens, “como uma maneira de imprimir por meio de uma marca corpórea, sua singularidade no cenário contemporâneo” (Macedo *et al.*, 2009, p.98). Estes jovens, conforme Ferreira (2007, p. 320) pretendem “reconhecer o corpo marcado como uma possibilidade de corporeidade entre outras possíveis, em conjunto com outras estéticas e decisões estilísticas”.

Ao observar as alterações de valores relacionados à tatuagem desde sua origem histórica até o contínuo uso na contemporaneidade, nota-se mudanças no contexto no qual era/é inserida, e na modificação do olhar sobre a mesma. Assim, torna-se possível observar diferentes sentidos e significados desde a época de discriminação até atualmente, como uma técnica embelezadora esteticamente aceita.

A partir deste mergulho nas produções bibliográficas que relatam a forma com que a tatuagem era/é vista e manifestada nos diferentes períodos da história, tornou-se possível perceber que este é um tema onde as respostas ainda estão sendo construídas. Dessa forma, tornam-se relevante posteriores

estudos que busquem mergulhos ainda mais profundos na compreensão das relações dessa atitude para com o corpo com seus sentidos e significados.

## Referências

Ferreira, V. S. (2007). Política do corpo e política de vida: a tatuagem e o body piercing como expressão corporal de uma ética da dissidência. *Etnográfica*, 11(2), 291-326.

Ferreira, V.S. (2008). Os ofícios de marcar o corpo: a realização profissional de um projecto identitário. *Sociologia, Problemas e Práticas*, 58 (3), 71-108.

Leitão, D. K. (2004). Mudança de significado da tatuagem contemporânea. *Cadernos IHU Idéias*, 16 (2), 1-22.

Leitão, D.K., & Eckert, C. (2004). À flor da pele: estudo antropológico sobre a prática da tatuagem em grupos urbanos. *Iluminuras*, 5 (10), 1-37. Recuperado em 5 maio, 2010, de <http://www.seer.ufrgs.br/index.php/iluminuras/article/viewFile/9186/5280>

Macedo, M., Gobbi, A., & Waschburger, E. (2009). Marcas corporais na adolescência: (im)possibilidades de simbolização / Body marks in adolescence: (im)possibilities of symbolic representation / Marcas corporales en la adolescencia: (im) posibilidades de simbolización. *Psicologia Em Revista*, 15(1), 90-105.

Maroun, K., & Vieira, V. (2009). Corpo: uma mercadoria na pós-modernidade / The body: a commodity in post-modernity / Cuerpo: una mercancía en la postmodernidad. *Psicologia em Revista*, 14 (2), 171-186.

Marques, T. (1997). *O Brasil tatuado e outros mundos*. Rio de Janeiro: Rocco.

Marques, T. (2009). Questão de pele. *Revista de História da Biblioteca Nacional*, 40 (4), 22-25.

Paim, M.C.C., & Strey, M.N. (2004). Corpos em metamorfose: um breve olhar sobre os corpos na história, e novas configurações de corpos na atualidade. *Lecturas educación física y deportes revista Digital*, 79, 1-9. Recuperado em 4 maio, 2010, de <http://www.efdeportes.com/efd79/corpos.htm>

Perez, A. L.(2006). A identidade à flor da pele: etnografia da prática da tatuagem na contemporaneidade. *Mana*, 12 (1), 179-206.

Schilder, P. (1994). *A imagem do corpo. As energias construtivas da psique* (2a ed.). (R. Wertman, Trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Obra original publicada em 1950).